

**"ANCORNER - Tomos do Conhecimento Humano"**

De

TIAGO DA SILVA CABRAL

**EDITORA:** Clube do Autor

**EDIÇÃO:** 2.

**ANO:** 2009.

CABRAL, Tiago S. "Ancorner - Tomos do Conhecimento Humano". Clube Do Autor - 2009.

Contato: [colere\\_amare\\_orcus@hotmail.com](mailto:colere_amare_orcus@hotmail.com) /  
[Kb@kbgames.com.br](mailto:Kb@kbgames.com.br) /  
HTTP://kblog.kbgames.com.br

ANH509123918273918



## **INTRODUÇÃO**

**TOMO I:** CONHECIMENTO É PODER.

**TOMO II:** NEM TUDO QUE BRILHA É OURO.

**TOMO III:** A ALGÉBRICA CALUNIANA.

**TOMO IV:** A GUITARRA E O VIOLONCELO.

**TOMO V:** ASTROGILDO.

**TOMO VI:** DEUS ESTÁ MORTO.

**TOMO VII:** PORQUE AS PESSOAS CHORAM.

**TOMO VIII:** AFASIA.

## INTRODUÇÃO

(ou manual de instruções)

Quando terminei o último capítulo desse livro tinha a impressão de que ele certamente estava pronto. Bom, isso é uma conclusão que parece um tanto óbvia, mas que não é, e na verdade estava errada.

Assim como qualquer história, Ancorner precisou revisada milhares de vezes, e ainda assim temo que a versão final ainda contenha erros de português que ficaram pra trás com a acomodação sensorial causada pelas dezenas de leituras. Mas, mesmo depois de revisar, ainda não estava pronto.

Quando erroneamente achei que o livro estava pronto ao escrever a última palavra, o que eu tinha em mente era que este livro é um chiste, e tal como uma piada, se necessita ser explicada é porque não tem graça.

Mas se você decidir que a introdução desse livro é maçante e quiser logo pegar o primeiro capítulo (ou Tomo) pra ler pode ser que realmente veja as "condensações" que fiz na narrativa e na forma como não coloco "disse fulano". O problema é que, pra isso, você precisaria ser um estudante de psicologia, que é fã de psicanálise, de ficção científica, de epistemologia, Sandman, Alan Moore e de

Led Zeppelin. E eu acredito que não existem tantas pessoas assim no mundo.

Bom, minha aposta é que algumas pessoas gostem ou de psicanálise, ou de epistemologia/ filosofia, ou de Led Zeppelin e da mitologia que essa banda carrega consigo, além, é claro, de quadrinhos Vertigo, que dispensam descrição. Por tanto, este livro não estaria completo sem esta introdução que, como diz o título alternativo, é um manual de instruções para a leitura.

Ancorner é um sonho que tive, achei interessante, mas deixei de lado. Até que um dia, ouvindo Pink Floyd ele me voltou à mente, e enquanto a tarde anoitecia eu fiz o desenho que está na capa: o homem diante da esfera cheia de livros, que, então, neste momento, decidi chamar de Ancorner.

No meu sonho a Ancorner dizia "conhecimento é poder". E essa frase está escrita na parede do meu quarto atrás de um quadro branco.

Mas, o que interessa a você saber é que Ancorner é um livro que fala sobre sonho e sobre mente. Sobre o inconsciente.

O leitor desavisado que, como eu mesmo costumo fazer, pula a introdução vai se deparar com uma descrição literal de um sonho. E vai achar isso deveras estranho.

Ancorner não obedece à narrativa de um livro comum, com uma linha lógica de acontecimentos, fatos que se encaixam em "um começo, meio e fim", porque sonhos não possuem essa estrutura.

Aliás, este é o ponto chave é essa narração. Se você pedir pra qualquer pessoa normal (salvo exceções) para contar uma história ela vai parecer, muitas vezes, confusa. Experimente transcrever literalmente um relato e observe como ele precisa ser revisado para ser compreensível. Com certeza você vai encontrar diversas incongruências.

Vamos um pouco mais longe e pedir pra você tentar montar mentalmente uma cena na sua cabeça que obedeça a lógica dos blockbusters. Sim, é possível que você consiga, mas vai dar trabalho e vai perceber que vão faltar muitos pedaços das suas memórias, e tudo vai parecer um tanto etéreo e distante.

Então, onde começa o sonho, e onde termina a memória? Onde começa o pensamento e onde termina o presente?

De fato, se você não é um gênio, um contador de histórias, ou um alien, vai perceber que a vida é desconexa e um tanto sem sentido. Como num thriller bem feito onde a câmera balança incessantemente e os cortes são rápidos

de mais pra você perceber com minúcia todos os detalhes, a não ser quando uma coisa explode.

Por isso, o livro que você tem diante de si obedece a uma lógica: a mecânica dos sonhos. Essa mecânica<sup>1</sup> foi descrita por Freud em seu livro: a interpretação dos sonhos.

Primeiro. O sonho é a realização dos desejos inconscientes que, são trabalhados pela censura para poderem se manifestar.

Segundo o bom velhinho, num sonho uma coisa pode ter seu valor transferido para outra (deslocamento), e uma mesma coisa pode significar mais de uma coisa ao mesmo tempo (condensação). O problema é que o sonho obedece à ilógica mente de seu dono. Por exemplo: por "bom velhinho" eu penso em papai Noel e Freud ao mesmo tempo, e isso é uma característica minha. Muita gente pode achar que eu estou querendo dizer que Freud dá presentes no natal, ou que o velho do saco vermelho também fala de psicanálise. No meu exemplo, particularmente, eu associo "bom velhinho" a Freud por causa da barba de alguns papais noéis de Shopping que me lembram Freud. Mas isso é doidera minha,

---

<sup>1</sup> Leia Trabalho do sonho.

e pra maioria das pessoas não faz sentido algum.

Você já deve estar com vontade de fechar esse livro porque o que vêm aí vai ser bem louco.

Mas eu vou continuar e me estender nessa introdução e te convencer.

Ao longo dos contos há marcos pra que isso não se torne uma viagem de LSD.

Nenhuma das histórias faria sentido se as pessoas tivessem sonhos diferentes. A não ser que você seja um psicanalista muito interessado em analisar meu texto, você nunca ia entender a relação sonho-realidade se não fosse a Ancorner. Por isso ela é o personagem principal do livro, ela liga as histórias e dá sentido a elas. Não posso explicar muito, você mesmo precisa perceber.

O preço de todos os personagens terem o mesmo sonho é este tornar-se um tanto místico.

Pra ressaltar isso, todos os contos fazem referência a uma música do Led Zeppelin. Esse é outro marco. E têm significados de acordo com as músicas.

Por último, você precisa saber que seu livro não está faltando um pedaço. O

último capítulo obedece à pulsão de morte, descrita por Freud.

No mais. Espero que tenha conseguido fazer você não se perder ao longo desse sonho, mesmo que o objetivo seja terminar em lugar algum.

Boa sorte.

*Tiago Cabral 9/1/2010*

"Eu que andei pelos quatro cantos  
do mundo procurando... Foi  
justamente num sonho que ele me  
falou" - **Raul Seixas**

Estendo os braços diante da cidade que parece me abraçar. Sou nada mais que uma silhueta em cima de um prédio. Aqui é o crepúsculo que se estende além das montanhas no horizonte. À esquerda o céu escuro, negro, à direita o roxo mágico da tarde que se despede.

É então que se aproxima a esfera surgida da sombra da noite, que vem me dizer aquilo que eu já sei. Uma esfera maior que um caminhão, que começa a mostrar que é feita de madeira, e que nela estão dispostos livros como numa estante. Livros velhos, com cheiro de poeira. Quando um olho se abre no meio deles.

Então, sem boca, ela diz:

"Conhecimento é poder"

Levanto-me da cama de forma cinematográfica: suado, com taquicardia, respiração ofegante. Olho pro rádio relógio que marca a falta de um minuto para as seis, à hora em que ele vai despertar. Ele muda subitamente e começa a tocar.

Ela acorda em seguida, loira, linda, protegida apenas pelo lençol que há instantes nos cobria. "Desliga essa droga", ela manda. Eu ainda não consigo pensar direito. É como se a Ancorner estivesse prestes a aparecer novamente.

Essa é aquela parte do acordar na qual, por uns segundos, você ainda pensa que está sonhando. "Dá pra desligar a porra do despertador? Hoje é sábado, droga!", ela esbraveja gemendo com a voz rouca de sono. Tateio o criado-mudo até achar o botão que para o barulho irritante. Ela solta o ar dos pulmões de forma a liberar o estresse: "o sonho com a esfera cheia de livros de novo?", ela pergunta. Eu deito novamente e fecho os olhos, não respondo. Apenas relaxo sentindo o calor da cama, o confortável colchão... Ela entende que isso foi um sim. "Cara... Você devia fazer análise... Sabe, todo esse lance de sonhos repetidos e tal, Freud fala sobre isso", ela insiste. Eu finjo estar dormindo mesmo sabendo que é inútil.

O cheiro de café invade minhas narinas e domina o meu olfato. Seria impossível não despertar com o cheiro do café de Marta, ela sempre exagera. Coloca mais colheres de pó do que devia, e muito menos água. A quantidade de cafeína numa xícara daquele café poderia acordar toda a nação.

Era tudo que eu precisava. Ver aquela loira deslumbrante de roupão fuçando na minha cozinha bagunçada causa uma sensação semelhante à de acordar depois de um sonho. Ela não sabe disso, e nem precisa saber.

É engraçado. Ela sabe que precisa enrolar na cozinha enquanto eu anoto o meu sonho mais uma vez. E grifo com força a parte em que a Ancorner diz "conhecimento é poder".

Tamborilo o volante do meu carro como uma bateria num solo interminável, furioso em como se numa caçada pela minha própria baleia branca enquanto aguardo o semáforo esverdear.

É interessante pensar como muita coisa pode passar na sua mente em um minuto, ou seja lá quanto tempo dure o vermelho do semáforo. Eu me lembro que costumava sentar no banco de trás do carro e pensar como seria caminhar a pé pelo local onde eu costumava passar. Como seria quanto tempo levaria... Era como se aquele

pequeno caminho entre a periferia e o centro da cidade não existisse, fosse coisa de sonho ou apenas de imaginação. Não tinha como eu saber se aquilo era de verdade, e eu tinha só 10 anos.

Um dia eu fui a pé da minha casa ao centro da cidade. Demorou pouco mais de meia hora. Passei por todos os locais, os caminhos de terra, a beira da pista. O vento te empurrando pra frente quando um carro passava correndo. O cansaço, o sol. Tudo aquilo parecia realmente real, bem real, mas era um passado distante que agora não tinha nada de real. Eram apenas memórias.

O sinal fica verde e eu olho para fora. Eu sei que já tinha passado por lá antes, a pé, mas não consigo sentir aquilo de novo. Por um instante eu penso em descer do carro para experimentar aquela sensação de novo. Como memórias podem ser reais? São apenas traços de pensamentos perdidos no passado. Assim como quando tinha 10 anos, eu acho que aquilo não é real.

O apressado motorista atrás de mim soca a buzina.

Eu abro a porta e sinto o sol tocar minha cabeça levemente, sim, como quando eu andei a pé. Sim, as buzinas ecoam como uma orquestra diatônica, mas nada

importa. A gravata está apertada, afrouxo-a, e caminho levemente até o matagal ao lado da pista.

Não daria pra sentir o cheiro do mato de dentro do carro, e nem ouvir as cigarras cantando naquela manhã, não. Não preocupado com o trabalho, com tudo que tenho que fazer.

Um trevo de quatro folhas.

Abaixo, apanho. Uma dona me xinga já com sua arredondada face avermelhada. Ela diz algo sobre tempo, sobre emergência, sobre vidas em perigo... O que é viver a não ser fazer real o que se sonha?

A pilha de relatórios pousa seca ao lado do trevo de quatro folhas sobre a minha mesa. É indiscutível não perceber a roupa amassada, ou a falta de cuidado com o cabelo. Não há batom naquela boca, nem mesmo um perfume exótico a exalar. Quando ela me diz algo o que eu sinto é o cheiro do café que ela acabara de tomar. Ela me olha com aqueles olhos negros profundos que me fazem sentir nu. O coração dispara, eu não digo nada.

À medida que se vive, a metódica cotidiana vai se apossando de seus músculos de tal maneira que tais órgãos tendem a congelar: primeiro se congelam os olhos, pois não se vê mais o que se via antes no escuro, por mais que a lua

estivesse oculta nas sombras que precedem o novo; depois se congelam os pulmões, pois nada mais que se entra pelas narinas é o suficiente para que se possa viver, é preciso mais; e por último, mas não menos importante, se congela o coração. Este último continua vivo, porém inativo e impotente. E nem por isso deixa de doer.

Arrumo a gravata. Há coisas a lidar com aquele que paga meu salário.

Entro na sala enquanto aquele ser alinhado fuma um charuto que deve valer mais do que dois dos meus salários.

Tudo que ele fala é óbvio e dispensável.

Retorno, clico, vejo algumas mensagens e interajo com pessoas que nunca vi de verdade. Pessoas que são como as paisagens que se vêem pelas janelas dos carros, misteriosas, assim como meus sonhos. Eu não posso caminhar através de pessoas, nem mesmo através de sonhos.

Não encontrarei um trevo de quatro folhas em nenhum destes.

Onde está Marta quando preciso dela? Será que tem algum cliente agora? Será que está...

"Hoje é um dia de sorte para você", me diz a cigana segurando na minha mão. Intrigo-me. Porque será que ela diz isso?

Ciganas são ótimas leitoras de linguagem corporal. Marta me disse isso uma vez. Será que ela percebeu a felicidade em meu semblante? Ou seria o cansaço de quem fez sexo até quatro horas da manhã e acordou um para as seis? Será que ela sabe que eu fiz sexo com uma loira alta que...

"Porque diz isso", interrogo-a. "Posso ler em sua alma por um preço, é claro". Não custa nada tentar, saca uma nota de dez, e pela forma com que ela arregala os olhos, acredito que vou ter boas premonições hoje. "hum..." diz ela tocando a palma da minha mão com o dedo indicador. "Vejo que tem algo no seu futuro... Grande, um mistério, não... Seria... Um sonho". Tentei puxar a mão de volta. Ela a segurou mais um pouco e, olhando fundo nos meus olhos com aqueles trapos mal costurados, provavelmente comprados numa casa de fantasias barata, ela me disse: "vá em busca do seu sonho"; e me soltou.

Eu percebo que o dia acabou quando estou tirando os meus sapados sobre a cama que ninguém arrumou desde um para as seis. Saco o telefone. "Marta, preciso de você".

Irrito-me, ela vai jantar com outro cliente de novo, diz ser importante de mais para vir atender meus desejos de carência. Odeio quando ela começa com

esse papo de análise... Esses estudantes de psicologia...

Não lembro quando dormi. Mas a vejo com suas roupas amassadas de novo pousando os relatórios sobre a minha mesa. Dessa vez, como eu sempre pensei que deveria ser: seus cabelos negros estavam despenteados, mas soltos. Ela ainda não usava batom, nem sutiã. Seus seios caíam sob a roupa que agora eu percebia que era uma camisa social de homem, branca, quase transparente. A camisa era minha, mas não foi isso que me fez perceber que era um sonho, mas sim a esfera de livros da qual se abria um olho flutuando. A Ancorner me encarava de tal modo que eu temia. Era crepúsculo, a parte do dia que tem mágica, donde todos os sons da floresta ecoam sob as sombras noturnas. E ela, mulher, vem e repete ao pé do ouvido:

"Conhecimento é poder".

Acordo, e a primeira coisa que vejo é o rádio relógio marcando o minuto que falta para as seis, ele muda subitamente e o relógio desperta.

Não fui trabalhar. É sábado. Viro-me na cama sem sono, mas com preguiça de levantar. Minha cabeça dói quando durmo de mais, o corpo fica pesado e dolorido. Quando eu aperto o botão "chamar" do telefone, o primeiro número que ele disca

é o de Marta. Não importava onde ela estava, mas sim quando é que ela iria estar aqui.

A porta estava aberta, eu a abri quando ouvi os sons do salto alto dela ecoarem pelo corredor. Ela entrou no meu quarto eu estava fingindo que dormia. Ela estava muito bem arrumada. Um vestido vermelho, com um decote grande o suficiente para mostrar o que eu queria ver, mas não o bastante para ser obsceno, o vestido mal tocava seu corpo quando ela soltou a bolsa no chão. Ela caminhava, eu podia sentir o tecido tocar seus joelhos e era como se eu pudesse tocar-la.

A três passos da cama, ela tira o salto; a dois ela se livra da calcinha. Ela se deita do meu lado e me abraça. E não entende porque eu finjo estar dormindo, e porque sempre ligo pra ela todos os dias.

Ela quer saber se eu a amo. Mas diz que todo amor é narcísico.

O amor é egoísta. Queremos nos ver, nos tocar. Ter filhos e assim viver eternamente poluindo a face da terra com nossa pueril e triste personalidade. É o medo da morte.

É um ritual. Depois de tudo, ela sempre toma banho e faz o café. Eu acho que o café é um brinde. Mas eu só tomo depois

que ela sai. É como no trabalho, uma forma de se manter acordado.

Acordado, agora eu toco o lençol como se fosse o corpo quente e macio dela. Esperando a textura que quero sentir, imaginando lábios que quero beijar. Mas ela se foi e assim a vida é.

Da sua mesa ela me olha. Com o olhar negro como a noite. Eu a olho de volta e dessa vez não é como o sonho com frases misteriosas. Eu quero tê-la, mas não sei se é recíproco. Vejo sinais e sintomas disso, mas não tenho certeza.

Eu escuto alguém comentar com ela "quero conhece-la para poder ter certeza". A única parte da cantada que eu pude ouvir.

Meu coração congelado dói.

Eles tocam as mãos uns dos outros. Olham-se ternamente, trocam bilhetes.

Vejo calor num mundo congelado, e ele está distante de mais pra mim. Eu vou morrer de frio e de inveja enquanto outros se fartam de leite e carne em volta de uma lareira celebrando á felicidade.

Na hora do almoço, ela entra no banheiro feminino. Eu entro atrás dela. Não tem ninguém lá, eu sei. Todos saíram para o almoço. Só nós temos o costume de sair na

hora certa. Todos ganham vinte ou quinze minutos saindo adiantados ou chegando atrasados, nós não. Saímos na hora e voltamos na hora.

Por um segundo ela se assusta. Mas essa seria uma atitude passiva; hoje vivemos numa revolução feminina onde papéis se perdem e pessoas vivem confusas sem saber o que fazer.

Depois ela fica brava, me ameaça. Eu continuo indo na direção dela enquanto seus olhos vasculham o ambiente a procura de uma arma. Eu a beijo enquanto ela me empurra com força capaz apenas de me fazer sentir o comprimir suas mãos contra o meu peito. A agitação vai cessando até sua mão começar a percorrer a minha nuca.

Ela não ganhou muitos beijos na vida, pois fica desajeitada e se assusta quando ousa alguns movimentos.

A pilha de relatórios pousa seca sobre a minha mesa. Dessa vez ela também me trouxe café e um sorriso.

Ela me olha com o seu olhar negro, e tudo é como se fosse luz. Seu único olho central é reconhecível. Não há lábios nem nariz. Apenas um olho na sua face que incha e cresce até se tornar Ancorner. Começa a chover livros.

Várias Ancorners me encaram como se fossem um céu estrelado. Os livros não se chocam com o meu corpo, só chovem a minha volta. Pego um livro no qual há milhares de vezes a citação "conhecimento é poder".

Falta um minuto para as seis.

...

O despertador toca.

Caminho dez minutos a pé até a sorveteria, mas eu não compro um sorvete. Chego lá e volto caminhando, a procura de outro trevo de quatro folhas. Nem mesmo trevos eu encontro.

Alguém me chama de "espertinho", saindo do carro. Eu ignoro. Alguns precisam de artifícios pra fazer coisas, eu não mais. Talvez ele já quisesse isso há muito tempo. Nunca fomos amigos na empresa. Ele nunca falou comigo. Queria brigar comigo desde que me conheceu, agora tinha desculpa.

Eu gosto de caminhar, faz bem ao espírito, faz bem. Espreguiçar a mente. Fazer algum serviço caseiro é bom também. Cozinhar, até mesmo arrumar a cozinha. Fazer algo e ver aquilo pronto, resultado do seu esforço. Não é como no trabalho.

O trabalho não tem sentido. Não vemos o que fazemos. Somos o que fazemos e quando não se faz algo concreto não se é algo concreto. Assim diz Marta. E quando não se expressa, cria-se outros meios para isso.

Ele está parado no meio da rua esperando que eu faça algo. Como se me dar um soco fosse devolver o beijo que roubei dela. Eu fiz, sim, eu fiz... Fiz aquilo que ele demoraria um jantar pra fazer, ou falas para conquistar. Agora, ele quer brigar.

Ele corre em minha direção. Eu corro para ele gritando. Sim, vou satisfazer o desejo dele de briga. Brigas são boas também para aliviar a tensão. É um trabalho no qual se vê o fruto bem nitidamente.

Um soco, uma queda.

Não percebi que vinha um ônibus quando ele caiu. Minha mão doeu uma semana quando eu dei aquele soco nele, mas o crânio dele pareceu tão frágil quando se chocou com o meio-fio.

As rodas do ônibus sujas de sangue, as sirenes, o carro dos bombeiros... Tudo é vermelho.

A Ancorner me olha diretamente. Não há mais nada entre eu e ela. Agora eu olho no centro de seu olho e percebo os raios

da íris que formam um composto enegrecido de diversas cores. Os livros agora pendem de seu corpo circular. Tomos diversos sobre os maiores segredos do mundo. "Uma estante em forma de bola, com um olho no meio... Cheia de livros velhos" repito pra mim mesmo. "Sonho misterioso... Conhecimento é poder?".

Abro os olhos no minuto que falta para as seis, mas o despertador não toca. Mas escuto o som da porta. Há alguém batendo de olhos inchados e maquiagem borrada. Não. Ela não está de sutiã. A blusa mal vestida acusa isso, e ela está de calça jeans. Marta saca o revólver da bolsa e aponta pra mim.

"Como você pode fazer isso? Como pode matar o meu irmão?"

Irmão?

Será que ela fala do cara que eu matei? Ofereço dinheiro, meu carro e até amor. Ela recusa tudo, mas insiste em não me matar. Como eu podia saber que trabalhava com irmão da prostituta que contrato há anos?

Todos esses anos de solidão.

Se vai me matar, então me mate logo. Não faz sentido prolongar isso. O que você quer de mim? E ela chora com a arma apontada hora pra cabeça dela, hora pra

minha. Está confusa. Dou-lhe um tapa na cara e puxo sua blusa que rasga. Ela está seminua. Ainda armada ela nada faz chora. Aos berros. O som macabro do desespero sai de sua boca. Suas cordas vocais se arranham comprimindo o ar que sai de seus pulmões. Minha mão está molhada pelas lágrimas.

A garrafa de Vodka.

Não.

A arma dela?

Não.

Seus seios são lindos. Estão molhados por lágrimas. São como dois olhos que me fitam macabros. Sabem o que vou fazer.

Ela vem, me bate com a arma. Eu revido. A derrubo. A arma corre longe pelo chão. Ela me puxa, me arranha. Eu evito, mas dou um soco em seu rosto. Como se lesse o pensamento, ela pega a garrafa de vodka. Eu a tiro de sua mão. Ela me derruba, e começa a me esganar. Faço o mesmo, sou mais forte que ela...

Os espasmos se tornam involuntários, porém mais leves.

O grande olho me cerca. As Ancorners flutuam á volta do prédio sobre o qual me encontro de braços abertos. Certa vez,

Marta me disse que os sonhos são as realizações dos desejos inconscientes, que no período de vigília são mascarados e ocultos pela nossa consciência. Sonhos têm significados profundos, mas nunca são descobertos ou "desvendados" até sua exaustão.

Há mais sonhos em nossa mente do que vida para realizá-los.

